

A EXPERIÊNCIA DE UM ESPAÇO NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO E OS PROCESSOS NORMATIVOS QUE ULTRAPASSAM OS MUROS DA ESCOLA.

Autora: Monique Agnes Rodrigues de Moraes – Orientadora: Talita Pereira Vidal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - agnes.uerj@gmail.com

Introdução:

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de leituras sobre conhecimento científico/disciplinar, currículo, escola, movimentos sociais e a minha experiência em um movimento social denominado PVCSJ (Pré-Vestibular Comunitário São José). Esse texto, tem como referência a pesquisa de mestrado em curso, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – UERJ/FEUF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense). Cujas a linha de pesquisa é Educação, Movimentos Sociais e Diferenças. Vinculada ao projeto de pesquisa Significados atribuídos ao conhecimento escolar que orientam os processos de subjetivação dos (as) futuros (as) Pedagogos.

Esse estudo tem por objetivo discutir a estrutura curricular do curso, assim, como evidenciar as dificuldades de viabilizar uma educação que transcenda a cultura formalmente esperada da escola sem desconsiderar os conhecimentos oficiais/disciplinares do currículo.

Cabe destacar que atualmente trabalho na coordenação pedagógica do curso. Assumo uma perspectiva discursiva pós-estrutural e pós-fundacional para analisar a dinâmica normativa que caracteriza os processos de escolarização formal que interpelam espaços formativos e alternativos de educação. O questionamento da pesquisa se justifica na medida em que o discurso educacional dominante na contemporaneidade se afasta ou reforça a racionalidade científica que por sua vez, é constituidora de uma sociedade excludente que coloca contingentes significativos de jovens a margem dos processos educacionais.

1- Currículo como produção cultural.

Em uma sociedade altamente multicultural -onde a cultura na contemporaneidade vem assumindo um papel cada vez mais central nas discussões- é difícil pensar a educação e os processos de escolarização como algo apartado da cultura, mas produzido e movimentado por ela. Tendo como base o estudo de caso do Pré-vestibular Comunitário São José, proponho uma reflexão sobre currículo e cultura para além de uma distinção binária entre produção e reprodução cultural. Apontando a necessidade de pensarmos um conceito de currículo que o conceba como espaço de produção cultural para além de dicotomias.

Nesse sentido, julgo necessário esclarecer que cultura é um termo polissêmico, e que esse texto não tem pretensão de trazer definições de cultura como repertório fixo de significados. Mas, segundo Veiga-Neto (2003), discutir alguns possíveis significados que tem sido partilhado na contemporaneidade.

A sociedade pós-moderna, segundo Hall (2006), encontra-se em constante transformação, exigindo uma pluralidade de identidades. Os sujeitos que nela se encontram inseridos possuem identidades fragmentadas que também constantemente se modificam. Desta forma, não podemos pensar na cultura como um simples procedimento de transmissão, fixa, pois esta é uma construção contínua de sentidos que influencia tanto os sujeitos como as suas próprias ações. Com isto, entendo que é importante irmos para além de uma concepção de cultura enquanto repertório fixo, passando a vivenciá-la como um fluxo em movimento ininterrupto.

Para tanto, destaco a minha experiência em um movimento social chamado PVCSJ (Pré-Vestibular Comunitário São José) evidenciando o quanto o currículo é importante e influencia a vida do aluno. Mas, antes cabe destacar como venho compreendendo currículo nessa pesquisa. Entendo currículo como espaço de disputa de produção de significados, enunciação e criação de sentidos. Onde não cabe dizer em currículo oculto, vivido ou prescritivo, de acordo com Lopes e Macedo (2011), “seja escrito, falado, velado, o currículo é um texto que tenta direcionar o “leitor”, mas que o faz apenas parcialmente” (p.42).

Pois, antes de mais nada é importante saber o perfil dos alunos, a cultura local e os sentidos que estão sendo negociados na produção do contexto. A partir dessas análises, entendo o espaço escolar e os espaços-não formais de educação como um lugar de disputas e de poder, onde por vezes os conhecimentos válidos acabam “assumindo posições privilegiadas e silenciando as demais vozes” (MOREIRA, 2001, p.76). Desse modo, pensar o currículo como produção cultural pressupõe um rompimento com a lógica de reprodução de conhecimentos privilegiados, onde a presença de diferentes culturas é necessária para enfrentar as divergências entre os sujeitos, ou seja, um currículo que não tem uma cultura como dominante e outras como subalternas, mas onde haja interação entre os diferentes discursos.

2- Os desafios de trabalhar com propostas interdisciplinar na lógica disciplinar de ensino.

Apresento, portanto, a estrutura curricular do PVC – uma problemática que deu origem a esse trabalho- devido a organização diferenciada no que se refere a um Pré-Vestibular. Os Pré-Vestibulares Populares e/ou comunitários são um movimento popular de educação que fazem parte de iniciativas coletivas na busca pela democratização do ensino superior no país. Cabe destacar a importância do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC¹) na tentativa de pensar sobre o modelo de universidade produzida no Brasil na década de noventa e, sobretudo, em quem estava a margem desse processo.

A partir desse quadro histórico analiso os movimentos de ressignificação que os conteúdos disciplinares assumem nesse espaço. Cabe destacar a disciplina como uma tecnologia importantíssima na organização, controle de saberes, sujeitos, espaço e tempos escolares (Lopes e Macedo, 2011). Trata-se de uma organização forte que predomina nos currículos de diferentes países, expressa desde ao quadro de horários com o tempo de cada disciplina e seus respectivos professores, a produção dos discursos recontextualizados que legitimam sua permanência.

Pensando nesse movimento que o curso promove as oficinas de “leitura e escrita”. A designação de um espaço na grade curricular para trabalhar questões de cidadania e cultura, assim como, o trabalho interdisciplinar nas oficinas de leitura e escrita são agenciados e disputam espaço dentro da lógica disciplinar do curso. Embora a tentativa seja de atribuição de um espaço específico para tratar de questões sociais, e /ou interdisciplinares, observando a dinâmica do curso, essas questões perpassam e mobilizam quase todas as disciplinas, embora umas com mais ênfase que outras.

As atividades interdisciplinares têm um horário específico na grade de horários semanal do curso. Cada semana dois professores de áreas distintas tem o tempo de uma hora e trinta minutos para realizarem uma análise de um fenômeno social, a partir de um tema em

¹ O Pré-Vestibular para Negros e Carentes- PVNC- possui atualmente 21 núcleos na região metropolitana do Rio de Janeiro. (85) 3322.3222

comum. A proposta é também desafiadora para os docentes, uma vez que, desestabiliza a centralidade do conhecimento em uma matéria e o espaço dos saberes é ampliado.

Considerações

Por fim, o entendimento de currículo como produção cultural, discursiva, espaço/tempo de fronteira cultural (MACEDO, 2006) me auxilia no entendimento de os espaços educativos estão em constante negociação de sentidos e que esses sentidos não são repertórios fixos capazes de serem meramente reproduzidos. Dessa forma, é possível identificar a influência das disciplinas acadêmicas na maneira de se organizar, e sobretudo, de significar o currículo escolar na contemporaneidade, extrapolando a fronteira do formal e do não-formal.

Nesse movimento inúmeras questões podem ser analisadas. Mas, destaco a importância do lugar do professor que constrói e que também está em uma posição de aprendizagem coletiva. Também, reitero, os reflexos da cultura curricular existente como normatizadora, pois ainda que você questione a norma, e nesse caso o engessamento disciplinar, não podemos negar que estamos dentro do princípio normatizador, pois o processo formativo e educacional que passamos ao longo da vida é marcado pela valorização do currículo disciplinar e dessa lógica de conceber o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias de Currículo / Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo. – São Paulo: Cortez, 2011. Apoio: Faperj

MACEDO, Elizabeth (2006). Currículo: política, cultura e poder. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.2, pp.98-113.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e hibridismo: para politizar o currículo como cultura – Revista Educação em Foco – UFJF (Fevereiro 2003, volume 8, nº 1-2, p. 13-30).

NASCIMENTO, Alexandre do. Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: **Um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares**. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 1999.